

O ENSINO E APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA NO BRASIL E A CIÊNCIA DA LINGUAGEM DE NOAM CHOSMKY

Carlos Alberto Fonseca Santos (UEMASUL)

carlossyssame1992@gmail.com

Yoná Milhomem de Oliveira (UEMASUL)

m.yon128@yahoo.com

Inácia Neta Brilhante de Sousa (UEMASUL)

profinacia@hotmail.com

RESUMO

Apesar de recente, o ensino da Língua Inglesa no Brasil já compreende mais de um século, no entanto não há notáveis diferenças desde o seu início. Sabe-se que o inglês, além de ser a língua mais falada no mundo, também possui grande relevância no que diz respeito a relações políticas e comerciais. Diante disso e do fato de se estar na era da globalização, faz-se necessário um novo olhar para o ensino da Língua Inglesa em nosso país, tendo em vista o processo de ensino pelos professores, bem como a aprendizagem dos alunos. O artigo tem a intenção de abordar as práticas de ensino de língua inglesa e a sua efetividade no que se refere à formação de falantes de uma segunda língua. Para o desenvolvimento desta pesquisa, realiza-se uma abordagem exploratória-descritiva, a partir de levantamento bibliográfico em livros e artigos que versam sobre a temática, com os estudos apresentados por teóricos da área. Para tanto se contempla os aspectos históricos do ensino da Língua Inglesa no Brasil, bem como os aspectos evolutivos desse ensino e os problemas enfrentados pelos professores, desde a sua formação até os desafios em sala de aula, com destaque para as ideias de Noam Chomsky sobre a ciência da linguagem.

Palavras-chave:

Ensino. Língua Inglesa. Noam Chomsky.

ABSTRACT

Although recent, English language teaching in Brazil has spanned more than a century, however, there are no noticeable differences since its inception. It is known that English, besides being the most spoken language in the world, also has great relevance in relation to political and commercial relations. Given this, the fact of being in the era of globalization, makes it necessary to take a new look at the teaching of the English language in our country, in view of the teaching process of teachers, as well as student learning. The article intends to approach as practices of teaching of English language and its effectiveness in what concerns the formation of speakers of a second language. To develop this research, perform an exploratory-descriptive approach, from the bibliographic survey in books and articles that deal with the theme, with the studies presented by theorists of the area. To this end, look at the historical aspects of English language teaching in Brazil, as well as the evolutionary aspects of teaching and the problems faced by teachers, from their education to the challenges in the classroom, highlighting Noam Chomsky's ideas about a science of language.

1. Introdução

As barreiras que anteriormente dividiam nações têm a cada dia diminuído mais suas extensões. Com o advento da globalização, as relações políticas e comerciais tornaram-se cada vez mais unificadas. É nesse panorama que encontramos a língua inglesa como canal de comunicação entre as nações. O inglês é o idioma dos negócios, é a língua mais falada no mundo. No entanto, o esforço no Brasil para que os alunos saiam da Educação Básica na rede pública falando inglês é mínimo.

De acordo com a pesquisa intitulada “*O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira*” realizada pelo Instituto de Pesquisas Plano CDE para a British Council (2015), o número de aulas destinadas semanalmente ao ensino da língua inglesa no Brasil é baixíssimo. Na rede municipal, em 75% das escolas, são destinadas apenas 2 aulas com duração de 55 minutos, 11% recebem 3 aulas e apenas 5% das escolas têm 4 aulas ou mais.

Além da baixa carga horária destinada ao ensino de inglês, a pesquisa também aponta para diversos outros agravantes como as dificuldades da formação dos professores, a sobrecarga de trabalho, a escassez de recursos didáticos, a desvalorização e o distanciamento entre os estudantes e o idioma, a baixa remuneração, e a dificuldade no planejamento das aulas. Diante disso, se torna cada vez mais difícil a inovação dos métodos de ensino a serem utilizados em sala nas aulas de Inglês.

Sabe-se que não há um único método que possa ser considerado como ideal para o ensino de uma língua. Diante disso, foram formuladas diversas teorias acerca da aprendizagem de uma língua e como esse processo ocorre no indivíduo. Alguns teóricos tiveram grande destaque nesse âmbito, dentre eles Noam Chomsky, considerado o “pai” da linguística moderna.

Nesse artigo, iremos abordar as teorias acerca da linguagem criadas por Chomsky com o intuito de discutir os métodos aplicados hoje no ensino da língua inglesa e a sua efetividade no processo de ensino e aprendizagem.

2. Aspectos históricos do Ensino da Língua Inglesa no Brasil

Para explicar acerca do ensino de Língua Inglesa (doravante LI) no Brasil, é necessário revisar como ele se formou. Para isso, iremos rever um breve histórico da formação do ensino formal de Língua Inglesa em nosso país. Com o decreto de 22 de Junho de 1809, assinado pelo Príncipe Regente de Portugal, teve início o ensino da LI em conjunto com a língua francesa. De acordo com o decreto, estabeleceu-se o seguinte:

E, sendo, outrossim, tão geral e notoriamente conhecida a necessidade de utilizar das línguas francesa e inglesa, como aquelas que entre as vivas têm mais distinto lugar, e é de muita utilidade ao estado, para aumento e prosperidade da instrução pública, que se crie na Corte uma cadeira de língua francesa e outra de inglesa. (OLIVEIRA, 1999 *apud* CHAVES, 2004, p. 5)

Considerando-se o panorama comercial da época, nota-se que esse decreto visava ao ensino de inglês no Brasil para fins de mercado, pois era necessário capacitar os profissionais brasileiros para o mercado de trabalho da época e atender às necessidades de desenvolvimento do país, essas que se estabeleciam por meio das relações comerciais, que em sua maioria, se davam com a Inglaterra. É a partir desse momento que o Estado Brasileiro inclui o ensino de línguas estrangeiras no currículo da educação pública.

Durante sua primeira etapa, o ensino da LI se deparou com um grave problema: a falta de uma metodologia adequada. “A metodologia para o ensino das chamadas línguas vivas era a mesma das línguas mortas: tradução de texto e análise gramatical” (LEFFA, 1999, p. 3). Esse método é conhecido como o Método Clássico, oriundo da Alemanha. Nos Estados Unidos, foi pela primeira vez chamado de método Prussiano. Com ele, as habilidades que são trabalhadas são as da leitura e escrita, através da tradução de textos para estudar as regras gramaticais.

Após a Proclamação da República em 1889, foram promovidas reformas educacionais pelo ministro Benjamim Constant, que tinham por objetivo modificar todo o sistema educacional do país, em todos os graus de ensino. Tais reformas tiraram a obrigatoriedade do ensino de inglês, alemão e italiano, assim como o estudo de literaturas estrangeiras. Apesar de voltarem a ser obrigatórias em 1892, com o afastamento de Benjamin Constant, em 1898, o ensino das línguas vivas passou a ser facultativo, e voltou a ter uma abordagem literária, com as alterações efetuadas pelo ministro Amaro Cavalcanti (OLIVEIRA, 2000 *apud* CHAVES, 2004).

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

As tensões políticas mundiais, que culminaram na Segunda Guerra Mundial e a imigração alemã, ocorrida no século anterior, tiveram grande impacto no ensino de inglês no Brasil. Graças a esses acontecimentos a “difusão da língua inglesa no Brasil passou a ser vista como uma necessidade estratégica para contrabalançar o prestígio internacional da Alemanha” (SCHUTZ, 1999, s/p). Em 1942, ocorre a Reforma Capanema que destinou 35 horas semanais para o ensino das línguas estrangeiras. Além disso, as quatro habilidades: ler escrever, compreensão oral e comunicação deveriam ser trabalhadas e os objetivos eram educativos e culturais (MACHADO; CAMPOS; SAUNDER, 2007).

Contudo, as LDBs de 1961 e 1971 não incluem as línguas estrangeiras no currículo das disciplinas. Isso gera um retrocesso para o ensino de LI no Brasil. Apenas em 1996 a LDB altera esse cenário determinando o ensino obrigatório de uma língua estrangeira no 1º e 2º graus, havendo a possibilidade de uma segunda língua optativa, de acordo com as disponibilidades da escola que têm seus nomes alterados para Ensino Fundamental e Ensino Médio (ROSSATO, 2012).

Em 1998, apareceram os PCN’s, que não são um conjunto de leis como as LDB’s, mas funcionam como sugestões para o ensino também de LI. “A importância do inglês no mundo contemporâneo, pelos motivos de natureza político-econômica, não deixa dúvida sobre a necessidade de aprendê-lo” (PCN’s, 1998, p. 50). Com isso, as línguas estrangeiras modernas recuperam sua importância.

Infelizmente, apesar das leis e reformas, tem-se, hoje, no ensino de inglês no Brasil, uma aprendizagem que aparenta ter voltado aos métodos aplicados no início do século XIX, a partir dos quais as redes de escolas de ensino fundamental e médio aplicam o Método Clássico, também conhecido como Método Prussiano, anteriormente citado neste artigo. Além disso, a escola também sofre com problemas estruturais apresentados mais a frente, quando se abordará as práticas de ensino da LI em sala de aula. Esses aspectos contribuirão para que houvesse uma grande “proliferação dos cursos comerciais operando em redes de franquia” (Schutz, 1999, s/p) no Brasil a partir dos anos 60.

Após explanação que versa todo esse contexto histórico em que o ensino de LI esteve inserido, a seguir se contemplará uma abordagem sobre os aspectos da linguística que contribuem para o aprendizado de uma língua e possíveis aplicações desses conhecimentos para o ensino da LI.

3. *A Linguística Gerativa de Chomsky e o ensino da Língua Inglesa*

O crescimento em busca de aquisição de uma segunda língua contribuiu para a proliferação de diversos modelos de aquisição. Esse artigo considera a teoria da linguagem de Chomsky como arcabouço que fundamentará teoricamente os estudos a serem realizados no âmbito da aquisição de uma segunda língua (doravante L2). Vale enfatizar que não haverá distinção entre **aquisição** e **aprendizagem** que alguns pesquisadores costumam classificar com diferentes sentidos em seus trabalhos. Os dois termos serão usados como sinônimos se referindo ao processo de aprendizado da L2.

Segundo Jakendoff (2008, p. 26 *apud* SALERNO, 2014, p.3), “a partir da obra *Aspects of Theory of Syntax* (1965), Chomsky estabelece os três pilares teóricos da nova ciência da linguagem: o mentalismo, a combinatorialidade e a aquisição”. No mentalismo tem-se a concepção de estruturas mentais formais e abstratas subjacentes ao conhecimento linguístico. A combinatorialidade trata do caráter combinatório da língua, segundo a qual as sentenças não são enunciadas aleatoriamente. Conforme Pinker (2004 *apud* SALERNO, 2014) sintetiza precisamente que:

A gramática é um sistema combinatório discreto. Um número finito de elementos discretos (neste caso, palavras) é selecionado, combinado e permutado para criar estruturas maiores (neste caso, sentenças) com propriedades bastante distintas de seus elementos. (PINKER, 2004, p. 27 *apud* SALERNO, 2014, p. 3)

Por fim, Jakendoff (2008) apresenta o problema da aquisição afirmando que as regras funcionais de uma língua são abstrações formais e não conscientes. A teoria postula a existência de uma Gramática Universal (doravante GU), a qual possibilita a aquisição da língua nativa.

Chomsky (2002) observa que:

Chamamos a teoria da linguagem de Peter [um sujeito qualquer] de “gramática” de sua linguagem. A língua de Peter determina uma gama infinita de expressões, cada uma com seu som e significado. Em termos técnicos, a língua de Peter, gera as expressões de sua linguagem. A teoria de sua linguagem é, portanto, chamada gerativa. (CHOSMKY, 2002, p. 32)

Essa gramática se difere daquela que é ensinada na escola, que se convencionou classificar como “falar bem” ou “escrever bem”. Chomsky esclarece melhor como essa gramática interna gera algoritmos ou instruções não conscientes de uso desta linguagem ao afirmar que “cada expressão constitui um complexo de propriedades, as quais fornecem ‘ins-

truções' para os sistemas de desempenho de Peter: a) seu aparato articulatorio, b) seus modos de organizar os pensamentos e, assim por diante" (CHOMSKY, 2002, p. 10).

Essa gramática compele ao indivíduo a capacidade de avaliar se uma frase é aceitável ou não dentro de sua língua. Ainda que não saiba explicar sob os aspectos da gramática como esse julgamento é feito, o indivíduo continua a possuir a capacidade de efetuá-lo, com isso percebe-se que ele exibe um conhecimento da sua língua nativa superior ao que poderia explicitar.

É importante que esses conceitos sejam assimilados para que haja uma melhor compreensão de como essa GU influencia a aquisição da L2²³⁸. Um grupo de pesquisadores acredita que a GU é parcialmente responsável pela aquisição da L2. Segundo esse grupo, os parâmetros já configurados para a primeira língua serviriam de base para a segunda, mas sofreriam alterações para o desenvolvimento da L2.

No artigo *Aquisição de Segunda Língua*, Mota (2008), apresenta dois conceitos relevantes para essa teoria. O de interlíngua e construção criativa:

O primeiro provém de uma das ideias apresentadas por Stephen Pit Corder em um artigo publicado em 1967. Nesse artigo, Corder introduz as noções conceituais de *input*, *intake*, e a distinção entre erros e deslizos. Corder propõe que os erros cometidos por indivíduos que estão no processo de aquisição de segunda língua não devem ser interpretados como falha na aprendizagem, mas sim como evidência do estado da competência do aprendiz em um dado momento. O outro conceito (...) foi gerado a partir da visão de que os processos de aquisição de primeira e segunda línguas são semelhantes e operados por mecanismos de aquisição dos quais não temos consciência. Em síntese, a construção criativa se refere à idéia de que os erros cometidos por aprendizes de segunda língua são, na realidade, resultado de processos cognitivos tais como a supergeneralização ou a simplificação, sendo muitas vezes os mesmos erros cometidos por crianças quando adquirem a língua materna. (MOTA, 2008, p.11-12)

A partir desses conceitos é estabelecida uma relação entre os parâmetros da GU apreendidos da língua materna (doravante L1) e a aprendizagem da segunda língua. O indivíduo, ao aprender uma nova língua, tem a sua disposição um sistema linguístico já estabelecido. Parte desse

²³⁸ Faz-se necessário ressaltar que essa teoria, ao mesmo tempo em que é apoiada por alguns linguistas, também é negada por outros.

conhecimento é transferido para a aquisição da L2. Quando os parâmetros da L1 e da L2 são os mesmos para o mesmo princípio, tem-se uma transferência positiva. No caso de diferirem há uma transferência negativa ou interferência (MOTA, 2008).

Como exemplo, cita-se a estrutura sujeito + verbo + objeto, comumente encontrada na formação das orações em português. Um falante nativo de Língua Portuguesa, ao aprender a Língua Inglesa como L2, usará os parâmetros de sua L1 para montar uma frase no modo afirmativo em inglês com a mesma estrutura S + V + O, ocorrendo assim, uma *transferência positiva*. No entanto, é muito provável que ocorra uma *transferência negativa* caso esse mesmo indivíduo tenha de formar uma frase no modo interrogativo, tendo em vista que há um conflito entre os parâmetros da L1 e L2. Quando isso ocorre, é necessário ao aprendiz, restabelecer um parâmetro conforme a L2.

Tendo compreendido os conceitos sobre a gramática gerativa, e demais conceitos anteriormente apresentados, agora se discorrerá sobre o atual cenário do ensino de LI na educação pública brasileira.

4. Prática de ensino da Língua Inglesa em sala de aula

O artigo em tela não pretende discorrer apenas sobre os problemas do ensino comuns também a outras disciplinas como a falta de estrutura, a baixa remuneração, as salas lotadas, o descaso com a educação pública e etc. O foco é discutir as práticas de ensino da LI e sua eficiência a partir do âmbito linguístico.

Quando se aborda o ensino de uma língua, os eixos fundamentais a serem trabalhados são normalmente: oralidade, escrita, leitura e gramática. No entanto, ao se analisar o cenário atual, que contempla o ensino de Língua Inglesa na educação pública brasileira, depara-se com uma metodologia bem diferente dessa.

No Brasil, a criança é apresentada ao idioma estrangeiro por volta dos 12 anos de idade, período em que normalmente ela adentra ao 6º ano do Ensino Fundamental. Esse início tardio sob a ótica da gramática gerativa, já pode ser considerado um problema inicial quanto à aquisição de uma segunda língua.

Chomsky (2002) aponta que durante o processo de aquisição da língua materna, a criança vai adquirindo a linguagem por meio de um

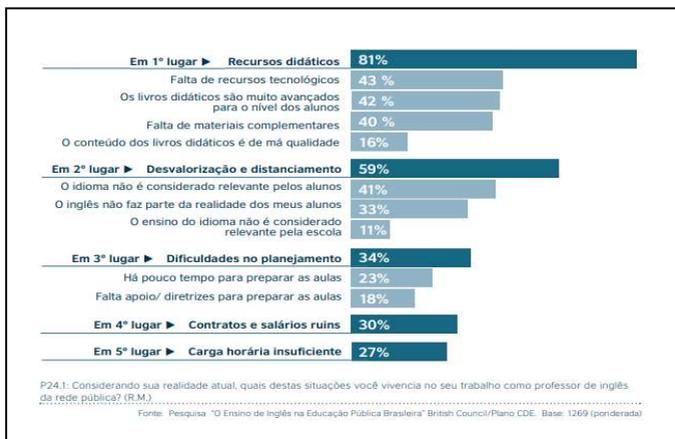
dispositivo de aquisição interno que ele chama de DAL, e esse é acionado a partir da fala ou frases (*Input*) de adultos. Ele também afirma que, durante esse processo, a criança irá conhecer muitos parâmetros, irá fixar aqueles que usará no contexto da língua e eliminará os outros.

Diante desse pressuposto, um início tardio dificulta a aquisição da L2, já que a criança vai ter eliminado os parâmetros comuns ao outro idioma, e terá de passar por um processo de restabelecimento dos parâmetros para adequá-los a nova língua. Além disso, essas *transferências negativas* podem desestimular o aprendiz ao sentir as dificuldades, e interpretá-las como erros (CORDER, 1967).

Outro problema relacionado a esse método de ensino está na divergência entre o aprendizado da língua e o aprendizado da gramática. Ao apresentar ao aluno as estruturas gramaticais da L2, o professor está inserindo uma sequência de regras a serem seguidas para o uso “correto” do idioma, no entanto memorizar essas regras não é o equivalente a aprender a L2.

Um exemplo disso pode ser identificado por meio da frase “Ideias verdes incolores dormem furiosamente” (Chomsky, 1957), que apesar de ser gramaticalmente correta, não há um sentido semântico nessa frase. Dessa forma, se compreende que há uma divergência entre o ensino da língua e o ensino de sua gramática. Essa diferença entre sintaxe e semântica leva a questionar sobre a eficiência de um método focado apenas na aprendizagem da gramática.

Além dos problemas apresentados acerca do método de ensino da L2, também é importante citar os diversos problemas encontrados na escola pública brasileira. De acordo com a pesquisa anteriormente citada nesse artigo, *O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira*”, realizada pelo Instituto de Pesquisas Plano CDE para a British Council (2015), os principais problemas encontrados, segundo os professores, são os citados na imagem do seguinte gráfico apresentado na referida pesquisa:



Esses problemas dificultam ainda mais a aquisição da L2 por parte dos estudantes que fazem parte da rede de ensino nas escolas públicas. Esse panorama demonstra uma verdadeira marginalização do ensino da Língua Inglesa na Educação Pública brasileira.

5. Considerações finais

De modo geral, esta pesquisa buscou discutir os problemas encontrados no ensino de uma segunda língua no Brasil e a inovação das práticas educativas, tendo como princípios as teorias que versam acerca da aquisição de uma segunda língua.

É certo que não há um método que possa ser considerado perfeito e completo para o ensino de uma segunda língua. No entanto, diante do cenário apresentado acerca desse ensino, no Brasil, faz-se necessário uma inovação quanto às práticas em sala de aula. Essa inovação compreende tanto o contexto escolar, quanto as práticas desenvolvidas pelo próprio educador, que poderia revisar as necessidades de seus alunos e adequar seus métodos às dificuldades que encontrarem.

O desenvolvimento de novas práticas de ensino pode resultar em melhorias no ensino de uma segunda língua e contribuir para o aperfeiçoamento profissional e pessoal dos estudantes que frequentam a rede de

ensino pública brasileira. A exemplo disso pode-se citar uma mudança no próprio currículo de ensino. Tendo em vista que pelo fato do idioma estrangeiro só é apresentado ao indivíduo por volta dos 12 anos de idade, quando inicia a adolescência, o que dificulta a sua aquisição e que poderia ser melhorada se essa inserção fosse iniciada mais precocemente, facilitando a aquisição da nova língua.

Destarte, é válido ressaltar que, por meio das reflexões propiciadas por esse trabalho, o ensino da língua inglesa necessita de uma nova abordagem, direcionando seu foco de ensino para o aprendiz dentro da sua realidade e do contexto em que está inserido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHOMSKY, Noam. *Estruturas Sintáticas*. Petrópolis-RJ: Vozes, 2015.
- INSTITUTO DE PESQUISAS PLANO CDE. *O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira*. São Paulo: British Council, 2015.
- LEFFA, Wilson J. O ensino de línguas estrangeiras no contexto nacional. Contexturas. In: *APLIESP*, n. 4, p. 13-24, 1999.
- MACHADO, R.; CAMPOS, T. R. e SAUNDERS, M. C. História do ensino de línguas no Brasil: avanços e retrocessos. In: *Revista Helbano*, Vol. 01, No. 02. Brasília: UNB, 2007.
- MOTA, Mailce Borges. *Aquisição de Segunda Língua*. Florianópolis 2008.
- OLIVEIRA, Luiz Eduardo Menezes. *A historiografia brasileira da literatura inglesa: uma história do ensino de inglês no Brasil (1809-1951)*. 1999.40. Dissertação (Mestrado em teoria literária)-Faculdade de letras, Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- ROSSATO, V. As diferentes metodologias de ensino da língua inglesa em diferentes segmentos de ensino. In: *Revista Eventos Pedagógicos*, V. 3, n. 1. Sinop: 2012.
- SALERNO, Daniel Ortins. *A Teoria da Linguagem de Noam Chomsky*. 2014. Disponível em <https://psibr.com.br/leituras/cognicao-e-comportamento/a-teoria-da-linguagem-de-noam-chomsky>. Acesso em 02 de Outubro de 2019.
- SCHÜTZ, Ricardo. *Uma rápida história do ensino de línguas no Brasil*.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

English Made in Brazil. 1999. Disponível em: <<http://www.sk.com.br/skperg9.html#284>>. Acesso em: 02 Outubro de 2019.